

PEPETELA. *O planalto e a estepe*. Alfragide: Dom Quixote, 2009. 190 p.



O escritor angolano Artur Maurício Pestana, de pseudônimo Pepetela, nasceu em Benguela no ano de 1941. Em sua trajetória, licenciou-se em Sociologia, foi guerrilheiro do MPLA, atuou na política e no governo após a independência do país, e dirige associações culturais como a União dos Escritores Angolanos (UEA) e Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde. É professor na Universidade Agostinho Neto, em Luanda, desde 1984, além de destacar-se como um dos mais atuantes escritores de seu país. Seu mais recente romance, *O planalto e a estepe*, foi publicado em abril de 2009, em Portugal, e pode ser considerado, desde já, como um romance síntese do conjunto de sua obra.

Pepetela, que tem escrita reconhecida por retratar aspectos da história revolucionária de Angola e seus reflexos sociais, participou das lutas de libertação do mundo colonial através de intenso debate ideológico. Participa de uma geração que, durante os anos 60, foi ativista e militante socialista. A sua passagem como guerrilheiro do MPLA – Movimento pela Libertação de Angola – que organizou e dirigiu a luta armada contra o colonialismo, o colocou no cerne dos acontecimentos, com alguns importantes livros escritos ainda na frente de batalha, como *As aventuras de Ngunga* (1973) e *Mayombe* (1981), romance no qual enfoca os valores e as contradições daquele momento político e a crise interna enfrentada pelos militantes do MPLA.

Em contraponto a essas obras e num período posterior, o autor escreve *A geração da utopia* (1992), já com um olhar reflexivo e crítico no passado ao retratar não só os momentos de garra e ufanismo dos jovens revolucionários, mas suas trajetórias nas décadas seguintes. Em *A geração da utopia*, escrito depois do fim dos regimes estalinistas e do triunfo da economia de mercado, o autor reconstrói criticamente o sonho de toda uma geração e seu rumo à dura realidade, e se transforma assim num dos maiores críticos do projeto do MPLA. Na busca por um ideal comum de nacionalismo, percebe-se, em suas obras, que diferentes nuances e posturas se destacam a partir de origens e identidades variadas, o que traz diversos conflitos dentro de um pretensão ideal comum.

O autor, a partir de sua experiência como guerrilheiro durante a luta de libertação nacional, escreve um total de mais de vinte obras publicadas. No trânsito entre a história e o mito, a realidade e a ficção, o escritor compõe uma gama diferenciada de linguagens, que podem ser observadas tanto em seus textos onde a crítica social, sempre presente, é mais evidente, como se observa em *O cão e os caluandas* (1985) e *O desejo de Kianda* (1995), ou na simbologia mítica de *Muana Puó* (1978), *Yaka* (1985), *Lueji: o nascimento dum império* (1989) e *Parábola do cágado velho* (1996). Com duas peças de teatro publicadas, *A corda* (1978) e *A revolta da casa dos ídolos* (1980), e romances como *A gloriosa família* (1997), *Jaime Bunda, agente secreto* (2001), *O quase fim do mundo* (2008), entre outros, Pepetela se destaca como um dos principais nomes da literatura angolana, trajetória confirmada ao receber o Prêmio Camões, em 1997.

A literatura de Pepetela lança importante olhar sobre as mudanças da sociedade angolana, através da passagem do período colonial ao pós-colonial e suas consequências. Reapresenta, a partir da história, as crises sociais, políticas e econômicas desencadeadas, bem como a luta dos angolanos em busca da liberdade e da construção de uma sociedade mais justa numa Angola massacrada pela guerra e pela miséria. O romance *O planalto e a estepe* reconstrói em sua narrativa, de certa forma, a trajetória do autor que, através de fatos ficcionais, retrata sua vivência no período de intensas transformações do país.

Nesse romance, ao situar a trama na história de um amor impossível, ele enfoca, através de um tema universal, as questões de diferença, racismo e discriminação, assim como faz uma acirrada crítica às ideologias políticas. Não há, em *O planalto e a estepe*, lugar para sentimentalismos fáceis: o que se vê é a representação de conflitos surgidos a partir de sentimentos verdadeiros, com suas próprias nuances, dores e belezas, que tem como pano de fundo dois países ligados por ideais comuns, mas completamente diversos em suas identidades: Angola e Mongólia.

Narrado em primeira pessoa pelo próprio protagonista, Julio Pereira, que confia ao leitor suas desventuras, tem-se a conflituosa história de amor entre um angolano branco, filho de português, que se apaixonou

por Sarangerel, estudante da Mongólia, no tempo em que estudavam em Moscou – na União Soviética da década de 60. A aproximação entre os dois se torna perigosa e impossível num contexto em que as ideologias estavam acima das individualidades: ela, filha de um alto dirigente mongol, ministro da defesa que, por sua vez, planejava um casamento para a filha dentro da tradição e com um marido em posição de relevância em seu país. Ele, um estudante africano em preparação para a luta armada. Com a gravidez inesperada, há o choque de culturas tecido pelo autor, que se estabelece através de intensa discriminação e culmina na separação imposta aos dois jovens amantes.

A trajetória de Julio em busca de seu amor perdido é narrada pela personagem numa reconstituição dos fatos marcantes de sua vida, a começar pelas recordações da infância em Angola. A descrição da família e da casa em Huíla, na região sul, bem como dos fatos locais e amizades, relata, não só a necessidade de resgate de um período de sublime contato com a natureza, mas também de importantes aprendizados, a começar pelo conhecimento do racismo dentro da própria casa. Olga, a irmã mais velha, não admitia que eles, nascidos brancos, filhos de um português de Trás-os-montes com um huilana, convivessem com os negros da comunidade. A discriminação que confirmaria, depois, quando o protagonista percebe-se ameaçado por ser amigo “dos pretos”: um branco com amigos negros era considerado estranho, malvisto, subversivo, o que parece, desde cedo, incompreensível ao jovem que afirmava ser amigo dos seus amigos, pois as cores não tinham importância. Ainda assim, ele continua a ser observado pelos “homens de chapéu cinzento”, ou, como ele mesmo constata, pelos “seguidores de Salazar”, numa alusão direta à repressão e às instâncias do período colonial.

A partida para a viagem de estudos marca um momento de transição fundamental na vida de Julio, ou “a grande viagem”, como enfatiza o autor. Iniciada no curso de medicina em Coimbra, pontuada pelo o frio europeu que ele julga acanhado, pequeno, úmido e triste, toma novo rumo com o início das revoltas em Angola, em 1961. O protagonista, assim, decide retornar à África para juntar-se à luta, mas, já no Marrocos, é novamente discriminado quando percebe, junto ao grupo, o processo de seleção com critérios baseados na cor da pele: os mais escuros eram escolhidos para os treinamentos e combates, enquanto os mais claros tinham bolsas de países amigos para estudar na Europa. A humilhação pela segregação vem através da percepção de que os mais claros ainda não eram considerados suficientemente angolanos para arriscarem a vida na luta pela Nação ou, pelo menos, havia dúvidas quanto às nacionalidades e utilidades destes. A desilusão e incapacidade de contrariar a decisão superior fazem com que ele escolha um curso para seguir

os estudos, opta pela faculdade de economia e é, portanto, enviado a Moscou. Lá, num dos principais momentos da narrativa, conhece a mongol Sarangerel, o amor que mudaria sua vida.

O encontro entre os jovens evidencia, também, as diferenças. Ambos haviam crescido em culturas distintas, e ela espanta-se por conhecer um africano de olhos claros: o autor destaca, através do narrador, a admiração da jovem ao ver um africano de olhos azuis e, a seguir, o seu deslumbramento. Pepetela constrói a aproximação dos dois jovens com sensibilidade e lirismo, de forma a tecer o sutil envolvimento e o crescer do afeto entre o casal ao longo desse capítulo, fundamental no romance. Ao ligar dois países com culturas e características diversas através das personagens, ilustra, dessa forma, o ideal de um regime que se afirmava virtuoso, mas que esbarrava em obstáculos e contradições criados em diferentes modos de viver. A descoberta da gravidez de Sarangerel, após vários meses de namoro, impele-os a sobrepor estratégias e conflitos, inclusive a desafiar os mecanismos de espionagem na esperança de vencerem as distâncias e unirem-se. Nesse caso, a mobilização e o apoio dos camaradas tornam-se fundamentais, e se expressam na afirmação de Jean-Michel, amigo de Julio, ao afirmar que a futura criança, filho de dois revolucionários, é um belo exemplo da união dos povos. E brinca, ainda, com as diferenças geográficas e culturais que reuniriam, de um lado, os tocadores de batoque e, do outro, os homens dos cavalos: o planalto e a estepe.

Mas a utopia revolucionária não se mostraria tão eficiente na prática, como demonstra Pepetela através das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos jovens amantes. A realidade torna-se cruel e a favor das manobras de poder empreendidas pelas autoridades mongóis, ainda que o jovem Julio afirmasse que tentara contato como o ministro da Defesa Nacional da República Democrática e Popular da Mongólia, afinal, por serem as repúblicas democráticas e populares no nome, talvez possibilitassem que a correspondência chegasse ao seu destino final. O destino, porém, era definido por poucos, sobretudo por aqueles que se diziam em ação e em prol de uma finalidade comum. Essa seria uma lição definitiva, aprendida através da dor da separação imposta e da impossibilidade de reencontro.

A partir da separação do casal, a narrativa volta-se para a vida de Julio e dos anos que se sucedem: a formatura, a separação dos amigos, o rumo ao treino de guerrilha no sul da Rússia, a mudança para Argélia e a tentativa cada vez mais distante de rever Sarangerel, pontuadas por escassas e secretas notícias dela enviadas por carta a uma amiga comum. Seu drama, porém, já era conhecido entre os combatentes, companheiros encontrados no retorno à África: pessoas, conforme afirma a personagem, dispostas

a morrer por um ideal, que consideravam importante o seu reencontro com mulher e filha. Em seu percurso, conta ainda com a compreensão das autoridades argelinas que, alertadas pela representação diplomática do Movimento na Argélia, pressionam os soviéticos para a solução de um caso de reunião familiar. A ponte política Argélia-Rússia-Mongólia é armada e Julio é levado pelo governo argelino – mais de seis anos depois da separação – para rever, ao longe, a filha, num comovente momento da narrativa. Através da aproximação interdita, outra ilusão se destrói: novamente há a ênfase à frustração causada pela impossibilidade de ação frente a um poder maior e silencioso, que ele dolorosamente avalia: sente-se incapaz de lutar contra um sistema no qual tudo já está preparado e planejado com o máximo sigilo. O fato de não lhe darem qualquer explicação traz à tona questionamentos sobre o silêncio, sobre a inexistência daquilo que não é discutido nem contestado, característica dos regimes ou sociedades onde não se permitem discordâncias, um mundo ironicamente definido por ele como “perfeito, redondo, dos silêncios”.

A vida permeada pela política, os fatos da história, a valorização da terra e da tradição fazem com que *O planalto e a estepe*, de Pepetela, reavive o sentido de reconstrução de Angola através de uma revisão crítica dos ideais do passado, de suas guerras e conflitos, bem como das consequências políticas e sociais que constituem a realidade do país. A trajetória das personagens e os acontecimentos marcantes de suas vidas durante o período colonial, na luta pela independência e na época pós-colonial, salientam os males do poder e o choque

entre diferenças, marcado pela incapacidade humana de sobrepujar-las. A história de amor entre Julio e Sarangerel transcorre ao longo de mais de trinta e cinco anos, período de intensas transformações não só no continente africano, mas no mundo. De guerrilheiro do MPLA a general reformado e, posteriormente, funcionário de uma empresa privada, Julio presencia as transformações de Angola e o fim da União Soviética, numa trama que começa em Huíla, nos Sul de Angola, na década de 60, passa pela União Soviética, Mongólia, Argélia e por Cuba.

O casal, vítima do abuso de poder, sofre a frustração de perceber na própria história que o desrespeito às diferenças existe num grau muito maior do que o aparentemente suportável. Por outro lado, a ideia de obstinação e crença nos próprios ideais permeia a ação do narrador ao lembrar as virtudes do sentimento verdadeiro, sua principal força de sobrevivência. O reencontro entre Julio e Sarangerel, finalmente, acontece. E emociona. E prova que um desfecho feliz, depois de décadas de desencontros – com todas as dores e males da existência – não desmerece a profundidade e a verossimilhança da trama, afinal, o próprio autor afirma que, apesar de as personagens serem fictícias, o romance é baseado numa história real. Portanto, há esperanças – sejam individuais ou coletivas - ou, como escreve Pepetela no início de um dos capítulos da obra: nunca digas nunca.

LUCIANA ÉBOLI
Doutoranda CAPES/PUCRS

Recebido: 18 março de 2010
Aprovado: 24 abril de 2010